

**Universidade de Brasília**

Faculdade de Comunicação

**A BELEZA NO MISTÉRIO E O DESENVOLVIMENTO DO LIVRO INFANTIL  
“MISTERIOSO MISTÉRIO A MISTERIAR”**

AYANA SAITO MIRA DE CARVALHO

Brasília

2021

AYANA SAITO MIRA DE CARVALHO

**A BELEZA NO MISTÉRIO E O DESENVOLVIMENTO DO LIVRO INFANTIL  
“MISTERIOSO MISTÉRIO A MISTERIAR”**

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Audiovisual.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Kinuko Matsunaga Higawa

Brasília

2021

**AYANA SAITO MIRA DE CARVALHO**

**A BELEZA NO MISTÉRIO E O DESENVOLVIMENTO DO LIVRO INFANTIL  
“MISTERIOSO MISTÉRIO A MISTERIAR”**

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Audiovisual, sob a orientação da Professora Doutora Célia Kinuko Matsunaga Higawa.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Orientadora Célia Matsunaga

---

Prof. Me. Felipe Mello Cavalcante

---

Prof. Me. Ítalo Cajueiro de Oliveira

---

Suplente: Prof. Dr. Luciano Mendes de Souza

Brasília, 08 de Novembro de 2021

## Agradecimentos

Ao meu querido irmãozinho Rafael, que me inspirou a voltar a desenhar e a escrever essa história. Por ter me apresentado novamente ao universo fantástico e me lembrado que às vezes é melhor entrar pela janela simplesmente porque é mais divertido.

A minha eterna orientadora, Célia Matsunaga, pelo apoio e carinho constantes, mas especialmente, pelas sempre tão bem articuladas críticas e conselhos. Pela participação tão importante na minha formação e trajetória.

Ao meu lindo e querido parceiro de vida, Rubens, pelo apoio incondicional, amor, carinho e nunca deixar de acreditar em mim. Obrigada por ler e reler esse trabalho trocentas mil vezes e dar sempre os melhores palpites. Não teria conseguido sem você.

Ao meu pai, Daniel e boadrasta, Carol, por encherem minha cabeça de assuntos maravilhosos; por me impulsionarem a subir a montanha e encherem minha mochila de úteis aparatos. Pelo amor, carinho, conversas e apoio sempre presentes. Agradeço também ao meu irmãozinho Ian por me fazer tão feliz sempre que nos vemos.

Aos meus avós, Vera e Juniti, por serem meus anjos da guarda. E à minha avó Lourdes, por me amar incondicionalmente.

Aos professores que acompanharam minha formação e tanto me apoiaram nessa trajetória. Agradeço especialmente à professora Denise Moraes, Elton Bruno, Pablo Gonçalves, Emília Silberstein, Rafiza Varão, Gustavo de Castro, Ítalo Cajueiro e Luciano Mendes por terem marcado minha jornada acadêmica.

Aos meus queridos amigos e colegas, que cresceram e amadureceram junto comigo, tanto academicamente e profissionalmente, quanto como seres humanos! Agradeço especialmente à Rafaela Schmitt por ter sido minha parceira por tantos anos. Clara Smith por todos os abraços e conversas. Gi Azevedo pela simpatia e apoio sempre presentes. Vinicius Vinhal pelo compartilhamento de espírito. Lucas Linu pela super parceria. Takashi Yamanishi pelas conversas, risadas e inspirações. Gi Soares pela querida amizade. Fernanda dos Santos pelos maravilhosos momentos. E Kallyo Aquilles pela irmandade eterna. Vocês deixaram toda essa fase muito mais leve e gostosa! Obrigada.

Ao meu pai do coração, João, pelo amor, carinho e apoio incondicionais.

À minha mãe, Juliana, por ter sempre lutado pela minha formação, saúde e bem estar; por me educar para ser uma mulher forte e independente; por ser meu grande exemplo de generosidade, perseverança e dedicação; por ser a pessoa na qual eu confio cegamente.

## **Resumo**

Este trabalho explora metalinguisticamente as significações de mistério, sua apreciação e importância no processo de exercício da criatividade infantil. Neste, o mistério é colocado como instigador da curiosidade, tornando-se um método de interação entre a criança e a realidade; e a partir de suas lacunas de informação, um hiato de possibilidade para a criatividade e fantasia. A metodologia exploratória foi utilizada para o desenvolvimento de um livro infantil ilustrado que, a partir da história e linguagem visual, direciona e instiga a criança frente a algumas possibilidades do que pode ser misterioso. No produto, a narrativa destaca subjetivamente a natureza e suas peculiaridades científicas como objetos repletos de mistério, com o intuito de provocar no leitor a curiosidade para observar e refletir com atenção sobre o mundo que o cerca.

Palavras-chave: mistério; criatividade; livro infantil; fantasia.

## **Abstract**

This work metalinguistically explores the meanings of mystery, its appreciation and importance in the exercise of children's creativity. In this, the mystery is placed as an instigator of curiosity, becoming a method of interaction between the child and reality; and from its information gaps, a hiatus of possibility for creativity and fantasy. The exploratory methodology was used to develop an illustrated children's book that, from the story and visual language, directs and instigates the child in face of some possibilities of what may be mysterious. In the product, the narrative subjectively highlights nature and its scientific peculiarities as objects full of mystery, in order to provoke in the reader the curiosity to observe and carefully reflect on the world around him.

Keywords: mystery; creativity; children's book; fantasy.

# Sumário

<b>1. Introdução</b>	<b>6</b>
<b>2. Metodologia</b>	<b>8</b>
<b>3. Fundamentação Teórica</b>	<b>10</b>
3.1. O mistério	10
3.1.1. Na estética japonesa	10
3.1.2. Na neblina	12
3.2. A criança e a palavra	15
<b>4. O livro</b>	<b>18</b>
4.1. A história	18
4.2. O desenho	24
<b>5. Considerações finais</b>	<b>38</b>
<b>6. Referências bibliográficas</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE A - LIVRO “Misterioso mistério a misteriar”</b>	<b>44</b>

## 1. Introdução

A infância, uma história em construção, marca-se por um primeiro contato no qual uma série de estímulos, ou não-estímulos, desencadeiam no desenvolvimento de um modo de pensar, reagir e interagir com a realidade que cerca o indivíduo em formação. Bruno Munari (2008, p. 222) afirma que o estímulo à elasticidade do pensamento é mais potente nos primeiros anos de vida, sendo assim, coloca como essencial que a educação formativa nessa faixa etária incentive a criatividade e flexibilidade, em vez de impor a rigidez e repetição, segundo o mesmo (MUNARI, 2008) já muito praticados em ambiente escolar.

Assim sendo, segundo o autor (MUNARI, 2008, p. 234), a criança, extremamente receptiva sensorialmente, precisa estar rodeada de estímulos que intrigam e não somente distraiam; a desafiem em vez de condicioná-la. Dessa forma, o intuito dessa pesquisa é alinhar-se com a ideia de que a criança não aprende para encaixar-se num formato predestinado, mas sim para interagir com o mundo, entendendo a si mesma, o ambiente, e criando suas próprias formas, ideias e fantasias sobre o universo que a rodeia.

Para Gianni Rodari (1982) o contato com o imaginativo fortalece a mente da criança para fazer-se mais versátil e, como menciona Munari (2008, p. 237), um adulto com pensamentos elásticos tem maior capacidade de resolver problemas internos, tornando-se um indivíduo capaz de comunicar-se verbal, visual e socialmente. Desse trecho, infiro então que essa maleabilidade adquirida pela interação com a fantasia relaciona-se também ao desenvolvimento da inteligência emocional da criança, o entendimento de sua própria personalidade, vontades e questões internas; além de fazê-la, por mais adaptável, resiliente e de fácil convívio — aspecto tão importante para quem deseja viver em sociedade e construir relações.

A proposta da pesquisa, em seu formato de livro, usa da dinâmica narrativa do objeto para relacionar-se com o público infantil. Exploro aqui a possibilidade do fantástico demarcada pelo mistério — algo que se mantém oculto, instigando a

imaginação<sup>1</sup>; uso também da relação com a palavra, sua importância e possibilidades no formato de história. Afinal, como escreve Rodari (1982, p. 12), a palavra lançada à mente pode produzir uma série infinita de reações em cadeia, agitando sons e imagens, analogias e recordações, a fantasia e o inconsciente. Assim sendo, vale usarmos do poder desta para estimular a criança e despertar-lhe a curiosidade sobre o mundo, a língua, as imagens, os significados e suas possibilidades fantásticas.

Ao contrário da linguagem verbal, que é socialmente compartilhada, a linguagem da arte ajuda o desenvolvimento da individualidade e do sentido da singularidade, pois na arte cada criança, cada pessoa, tem a possibilidade de desenvolver uma linguagem expressiva própria, única e singular, que reflita não só sua personalidade mas também seu modo de perceber o mundo ao seu redor. (...) (CIORNAL, Selma. p. 79)

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa aproximarei a significação de imaginação e criatividade, utilizando-as em alguns trechos como sinônimos.

## 2. Metodologia

A pesquisa aqui proposta foi dividida em três segmentos: o estudo, a história e o desenho. Esta se enquadra como uma pesquisa exploratória, tal qual definida por Antonio Carlos Gil em seu livro “Como elaborar projetos de pesquisa”:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão". (GIL. 2002, p. 41)

A etapa marcada pelo estudo firmou-se no levantamento e leitura de materiais anteriores a este trabalho que discutissem a beleza no mistério, as sensações provocadas por este e, em especial, sua relação com a criatividade e desenvolvimento. Pesquisei sobre pedagogia infantil e as consequências do contato entre a criança, a arte, a história e a fantasia. E, por fim, li diversos livros infantis, nos quais analisei o tamanho das sentenças, tendo em vista meu público alvo, o número de páginas, formatos de linguagem, tipografia e diagramação.

Tendo a bagagem teórica suficiente para traçar o produto, elenquei as ideias-chave que gostaria de transmitir no livro e iniciei o desenvolvimento da história brincando com várias frases, palavras e ideias diferentes que, mais tarde, seriam somadas e podadas até virarem um texto coeso, pensando também na limitação de espaço e preferência por frases mais curtas. Nesse processo, muitas pessoas leram, opinaram, tiraram ou acrescentaram trechos da história num documento compartilhado. Daí veio o momento de organizar cada frase em suas devidas páginas, tendo em vista o ritmo da passagem das páginas.

Parti então para o processo criativo das ilustrações. Redigi livremente a descrição das imagens que me surgiam ao ler cada segmento da história e, em seguida, esbocei todos os quadros de acordo com as ideias mais promissoras num formato *storyboard*. Após o escaneamento das versões físicas, acrescentei a camada digital nas ilustrações chegando a uma finalização de 60% em todas; tal

porcentagem indicou no processo que o desenho já fazia sentido na história, sendo também possível visualizar os indícios da peça final. Em seguida, as ilustrações foram justapostas no *Adobe InDesign* com o intuito de avaliar a relação entre elas e o ritmo de leitura final. Nessa etapa, os últimos ajustes de ordem das paisagens e aspectos da história foram feitos.

Depois do panorama geral observado no *InDesign*, as ilustrações passavam por sua última fase de finalização (sem mais alterações). Aqui foram feitas experimentações mais longas de cor, disposição fina dos elementos, observando os pontos de dobra de página, e, também, a inserção do texto completo.

## 3. Fundamentação Teórica

### 3.1. O mistério

#### 3.1.1. Na estética japonesa

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra "mistério" em sua etimologia vem do termo grego *mystērion* e apresenta muitos significados, sendo alguns atrelados à práticas cristãs e estudos teológicos. Nessa pesquisa, utilizarei a extensão de sentidos da palavra que, no dicionário supracitado, resume-se a tudo que a razão não pode explicar ou compreender; o que tem causa oculta ou parece inexplicável; um enigma, o segredo.

Nessa linha, encontrei na estética japonesa indícios da apreciação do belo vinculada ao mistério. Segundo Donald Richie (2007, p. 12), pelo caráter ambivalente da estética oriental, o contraditório e simultâneo poderiam conviver em um mesmo objeto; o que faz desta, por natureza, mais subjetiva. Ele (RICHIE, 2007, p.12) a estabelece como regida por uma lógica relacional, em que os termos que compõem sua ramificada rede de significados apresentam-se de maneira diversificada, construindo-se a partir de associações, nas quais um conceito depende de outros para explicar-se.

Dessa forma, a autora Michiko Okano (2013-2014, p. 151) discute o termo estético *ma*<sup>2</sup> como a disponibilidade do acontecer e não-acontecer: um hiato de potencialidade na geração do novo. Distinto de uma compreensão ocidental, cujo significado é o nada, Okano (2013-2014, p. 151) afirma que o *ma* implica numa valorização do espaço-negativo, no qual, o silêncio ou o espaço em branco provocam sustentação e aperfeiçoamento.

Relaciono, então, o *ma* e a importância do espaço vazio ao mistério e suas lacunas, que podem ser vislumbradas como janelas de possibilidades para a imaginação humana. Kenkō, citado por Keene (1969, p. 300), enfatiza tal linha de

---

<sup>2</sup> Okano (2013-2014) aponta as origens do termo *ma* em uma ideia de espaço vazio em que se vislumbra o divino, discutindo-o como um espaço de disponibilidade do não acontecimento: um hiato de potencialidades de geração do novo. A autora também descreve o *ma* como a junção de espaço e tempo, em que ambos existem em um único objeto, construindo a ideia de um espaço vazio intervalar.

pensamento na seguinte fala: "Em tudo, não importa o que seja, a uniformidade é algo indesejável. Deixar algo incompleto torna-o interessante e causa a sensação de que há espaço para crescimento". Para Keene (1969, p. 299), inícios que sugerem o que está por vir, ou finais que indicam o que já foi, possibilitam à imaginação expandir-se para além dos limites dos fatos literais, o que assumo como um fragmento da beleza desafiadora no que não se revela por completo.

Dessa forma, Keene (1969, p. 295) destaca a importância da sugestão como elemento estético na linguagem nipônica; presente na poesia, artes visuais e, até mesmo, em questões idiomáticas. Richie (1924, p.19) afirma que no Japão uma representação vinculada à *mimesis*<sup>3</sup> seria tradicionalmente insatisfatória, posto que o cerne da realidade não poderia ser representado de forma objetiva, mas sim sugerida, e, quanto mais sutil a sugestão, maior seria a intensidade do sabor da obra de arte. Uma passagem que também traduz um pouco esse apelo à sugestão está na fala do crítico Fujiwara no Kintō (apud KEENE. 1969, p. 294) que descreveu a mais bela categoria da poesia como uma linguagem tão mágica que transmite mais significado do que as palavras por si só, inserindo como seu maior diferencial e virtude o poder de sugerir implicações intangíveis, inutilizando a literalidade. Assim sendo, a apreciação do "vago" mostra-se um dos fundamentos da filosofia tradicional japonesa e o termo que traduz tais peculiaridades no universo da estética nipônica é denominado: *yūgen*<sup>4</sup>; diretamente ligado ao que é obscuro, profundo, sugestivo e misterioso.

Apesar da tentativa de delimitação do conceito do termo recém mencionado, o monge Shōtetsu, citado por Keene (1969, p. 298), escreve, no século XV, que os poderes misteriosos designados pelo *yūgen* não podem ser expressados de maneira objetiva:

---

<sup>3</sup> O termo *mimese*, de origem grega, pertence à faculdade humana de imitação. Neste texto, *mimese* significa reprodução artística de forma realista e figurativa, sem nenhum elemento subjetivo; isto é, puramente imitativo.

<sup>4</sup> De acordo com Richie (1924), *yūgen* deriva do termo chinês *xuan*, que significa algo profundo demais para ser compreendido à primeira vista.

Sua qualidade pode ser sugerida pelo suspiro de uma fina nuvem encobrindo a lua ou pela névoa outonal envolvendo as folhas escarlate numa encosta de montanha. Frente à pergunta de onde nessas vistas estaria o *yūgen*, não há resposta possível, e não surpreende que o homem que incompreenda esta verdade provavelmente prefira a vista de um céu perfeitamente limpo, livre de nuvens. É impossível explicar onde se localiza o interesse ou a natureza notável do *yūgen*. (SHŌTETSU apud KEENE, 1969, p. 298, tradução nossa)

Nesse importante relato, Shōtetsu traduz em poucas palavras um pouco da preferência pelo misterioso e, na minha interpretação, do profundo sentimento e talvez inexplicável sensação de interagir com algo que se mantém oculto. Nos trechos apresentados referentes à estética japonesa, percebo as lacunas sugestivas demarcadas como um desafio de percepção da mente e criatividade humana.

Deveríamos olhar para uma flor de cerejeira apenas quando totalmente desabrochada, ou para a Lua somente quando não há nuvens? Ansiar pela lua ao olhar para a chuva, baixar as persianas e ignorar o passar da primavera – isso é ainda mais comovente. Galhos prestes a florescer ou jardins cobertos de flores murchas são mais dignos de nossa admiração. (KENKŌ apud KEENE, 1969, p. 298, tradução nossa)

### 3.1.2. Na neblina



Figura 1 - Páginas do Livro *Nella nebbia de Milano* ("No nevoeiro de Milão"; edição Emme, 1968).  
Autor: Bruno Munari

Ao pensar em mistério no decorrer dessa pesquisa, muitas vezes me surgiu na memória a imagem da neblina, com suas bordas irregulares, baixa visibilidade e caráter difuso, que muito me remetem também à uma construção visual da estética japonesa. No desenvolvimento de um produto infantil, em especial, atrelado ao livro e suas possibilidades criativas, o artista e designer Bruno Munari fundamentou-se como importante autor para a construção da obra e texto aqui propostos. Seu livro

intitulado *Nella nebbia de Milano* (“No nevoeiro de Milão”; edição Emme, 1968), no qual o nevoeiro é sugerido por um conjunto de páginas de acetato com impressões diversas, que provocam a sensação de uma neblina muito densa, posto que quase não é possível visualizar a imagem das últimas folhas. Munari (2008, p. 241) afirma que virar as páginas do livro em questão, seria como caminhar no nevoeiro, pois as figuras seguintes vão ficando cada vez mais nítidas, à medida em que se esfumam as das páginas anteriores.

Em seu livro “Das coisas nascem coisas”, Munari (2008, p. 242) discute suas criações, entre elas, os produtos para o público infantil fazendo a seguinte colocação: “O jogo ou brinquedo deve estimular a imaginação e não vir pronto ou acabado (como acontece com algumas miniaturas perfeitas de automóveis), pois isso limita a participação da criança.”. Assim sendo, em seu livro “No nevoeiro de Milão” (1968), a curiosidade e mistério do que está por vir mostram-se ferramentas para a interatividade entre a criança e o livro; esta se coloca no livro a partir dos espaços negativos de informação, nos quais residem somente indícios das figuras, estas ainda enigmas. Além do caminhar entre formas misteriosas, o próprio nevoeiro em sua simbologia pode, como a escuridão, provocar o interesse da criança frente ao desconhecido.

O Nevoeiro é símbolo de perturbação, de confusão, de falta de clareza, o Nevoeiro precede sempre a luz. Por outras palavras: o Nevoeiro é o véu que oculta aquilo que está Encoberto. É preciso, pois, que o Nevoeiro se dissipe para que o Encoberto se possa descobrir. Dissipar o Nevoeiro significa encontrar o caminho certo, aquele que nos conduzirá à realização de nós próprios (...). (FLÓRIDO apud MATOS, MALHÃO. 1989, p. 92 e 93).

Tal preferência de Munari pelo espaço de criação como algo essencial na educação infantil alinha-se à fala mencionada de Kenkō (KENKŌ apud KEENE, 1969) que defende o vazio como incentivo à imaginação. Isto posto, trago o mistério aqui como uma possibilidade de estímulo à mente da criança que, ao achar misterioso o mundo ao seu redor, desenvolve e aguça sua curiosidade sobre o mesmo; intrigada, esta se vê desafiada a preencher lacunas de informação com suas próprias reflexões, em especial, se costurarmos a fantasia ao pensamento. "O pensamento deve ser reservado ao novo, ao precário, ao problemático. Daí o constrangimento mental e a sensação de perda de tempo que experimentam as

crianças quando lhes pedimos para refletir sobre coisas familiares” (DEWEY apud RODARI. 1982, p. 173). Em resposta a citação supracitada, Rodari (1982, p. 174) afirma que o tédio é inimigo do pensamento e faz a seguinte proposta: “Mas se convidarmos as crianças a pensar sobre ‘o que aconteceria se a Sicília perdesse os brincos’, aposto qualquer coisa que não se cansarão”.

### **3.2. A criança e a palavra**

Nos primeiros anos de vida da criança, seus contatos iniciais dizem muito sobre como irão se desenvolver suas relações; seja com objetos, pessoas, lugares, etc. Munari (2008) afirma que o livro deve, então, ser desprovido de possíveis barreiras de dificuldade, como o texto em primeira instância, e inserir-se como objeto simples; algo que interage e, sensorialmente, instiga e diverte a criança. Nesse formato, o livro e a criança firmam seu contato sem a necessidade da interferência de um adulto e ao ser simplificado retornamos a, talvez, um de seus significados essenciais: livros, objetos assim, com muitas surpresas dentro!

No decorrer do tempo, a criança enfrenta a possibilidade de uma nova conquista: a leitura. Aqui uma inédita camada de significado e interpretação acontece, a medida em que a criança em alfabetização terá acesso a um novo tipo de compreensão da realidade; letras antes embaralhadas e misteriosas estarão recheadas de informações ao que souber casá-las. Dessa forma, o indivíduo em alfabetização conhecerá então, com mais afinidade, a palavra.

Gianni Rodari, em seu livro “Gramática da Fantasia” (1982), nos conta um pouco sobre suas experiências no ensino para crianças, em especial, no uso das suas técnicas de invenção que permeiam a fantasia e o poder da palavra. Este (RODARI. 1982) menciona a imaginação como instrumento da educação linguística e o grande valor de liberação que a palavra pode representar. “Todos os usos da palavra a todos” (RODARI. 1982, p.11). Dentro dessas possibilidades de representação, insiro aqui que a criança não só ganha certa autonomia ao dominar a palavra, mas também a perspectiva da construção de narrativas; sendo estas sementes para muitas ramificações que vão desde questões mais funcionais, como importantes recursos para a socialização, como também estão diretamente ligadas ao exercício da criatividade: o contato com o lúdico, o fantástico, em especial, concebido pela própria criança.

Dessa forma, vale discutir também que a criança em alfabetização não lida somente com as camadas de significado que as letras constroem, mas também com os próprios grafismos. Aqui, nasce um primeiro contato com as interpretações

tipográficas, em seu sentido figurado e também funcional; as letras num constante limiar entre desenho e sentido.

Por conseguinte, Rodari coloca a palavra também como recheada de mistério nas seguintes citações: “Não há palavra compreensível se nela nos aprofundarmos” (VALÉRY apud RODARI. 1982, p. 15), “As palavras são como películas superficiais sobre águas profundas” (WITTGENSTEIN apud RODARI. 1982, p. 15) e finaliza com o seguinte comentário: “Procuremos as histórias, portanto, mergulhando na água” (RODARI. 1982, p. 15). Em sua aventura por caminhos que a palavra sustenta, Rodari foi um grande defensor do papel da imaginação na educação infantil e insere muitos fatores que são alvo de repúdio por parte dos adultos como, por exemplo, inofensivos erros criativos que, na verdade, muito tem a nos ensinar sobre a leveza das coisas. Para ele (RODARI. 1982, p. 33) o erro e a deformação das palavras podem ajudar a criança a dominar e explorar as possibilidades das mesmas; isso estimula sua liberdade como ser “falante” com direito a sua “prosa pessoal”; encoraja o inconformismo.

Trago o último aspecto mencionado como chave para seguirmos a discussão: a criatividade como ferramenta transformadora.

Criatividade é sinônimo de “pensamento divergente”, isto é, de capacidade de romper continuamente os esquemas da experiência. É criativa uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias (na comodidade das situações onde se deve farejar o perigo), que é capaz de juízos autônomos e independentes (do pai, do professor e da sociedade), que recusa o codificado, que remanesce objetos e conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo. (RODARI. 1982, p. 164)

A função própria da imaginação é a visão de realidades e possibilidades que não se mostram nas condições normais da percepção sensível. Seu objetivo é penetrar claramente no remoto, no ausente, no obscuro. (DEWEY apud RODARI. 1982, p. 166)

Desse modo, a imaginação é aqui colocada como, já supracitado anteriormente, ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento elástico, do indivíduo funcional, visual, social e agora, também, inconformado. Rodari (1982, p. 163) afirma que são necessários homens criativos, que saibam usar da sua imaginação para mudar a sociedade. Nesse sentido, reforço o estímulo da inventividade na infância e o contato da criança com a fantasia como essenciais

para o indivíduo flexível, sendo o livro importante ferramenta instigadora, a partir de suas imagens, palavras e possibilidades, do intelecto em formação.

A imaginação da criança, estimulada a inventar palavras, aplicará seus instrumentos sobre todos os traços da experiência, que provocarão sua intervenção criativa. As fábulas servem à matemática como a matemática serve as fábulas. Servem à poesia, à música, à utopia, à política: em suma ao homem inteiro, e não só ao fabulista. (...) (RODARI, 1982, p. 163)

## 4. O livro

Conseguir que as crianças sintam vontade de brincar parece-me um belo sucesso, para um livro. (RODARI. 1982, p. 178)

Este capítulo destina-se a discutir o desenvolvimento do produto desenvolvido no formato de livro infantil; meu processo artístico, as escolhas tomadas e como vinculei minha produção à bagagem teórica estudada.

Inicialmente, pensando nas primeiras decisões para conceber o projeto, articulei que gostaria de atingir crianças no início do processo de alfabetização; no começo de seu contato com a leitura; ou que já tem certo domínio da habilidade. A relação com a escrita e o momento de descoberta de uma nova camada de profundidade pareciam um momento único na vida da criança que poderia alinhar-se ao propósito de explorar a significação do mistério em conjunto com os pequenos, ou grandes, leitores.

Desse modo, tracei a faixa dos cinco aos sete anos como principal público alvo. Devo mencionar que não só pela relação com a palavra, mas também pela fantasia. Em geral, a criança nessa faixa etária já tem um pouco mais de facilidade para articular suas ideias (WILKS, 2010), mas ainda está envolta, se permitido pelo mundo ao seu redor, num universo imaginário; onde a existência de seres fantásticos e possibilidades inacreditáveis ainda misturam-se a realidade.

### 4.1. A história

Ao trabalhar na construção da história, optei por trazer o mistério de forma metalinguística; a palavra como objeto de discussão e não só mesclada subjetivamente à narrativa. Discutir a palavra tem como propósito enfatizar a reflexão em torno dos significados de mistério, como eles residem no cotidiano e deixar latente para a criança que interage com o livro: "como ela vê mistério nas coisas?". O principal objetivo é o de trazer o mundo como ponto de interesse; alvo de curiosidade: lugar esse em que se há muito para descobrir e explorar.

Acredito que esse ambiente de perguntas e espaço de exploração desperte na criança também o sentimento participativo de sua atuação na realidade. A sensação de que não é só um ser que segue é mandado e ensinado, mas ouvido e considerado; seus sonhos possíveis e suas ações impactantes. Rodari (1982, p. 32) afirma que muito gostam as crianças de se misturarem a questões maiores que elas. Ele diz que esse é o único modo que dispõem de crescer: “E não resta dúvida de que elas querem, antes de tudo e sobretudo, crescer”. Intrigá-las e desafiá-las a refletirem ao longo da história me pareceu então um caminho interessante a se trilhar. Na história, o mistério é vinculado a um incentivo a olhar com olhos atentos, numa mistura de arte, cultura, criatividade, ciência, etc num lugar só; sem hierarquia entre as matérias: todas com suas muitas camadas peculiares dignas de nossa curiosidade. Outro importante aspecto que fiz questão de inserir na narrativa foi a presença e relação com a natureza.

Segundo Richie (1924), conectar-se à natureza e sua essência é conectar-se à realidade. Lendo "A Salvação do Belo" do autor contemporâneo Byung Chul Han (2019), me parece que a cultura massiva<sup>5</sup> ocidental desenvolveu um próprio significado antropocêntrico da realidade, na qual a humanidade é eterna, invencível e superior. Acredito que essa ideologia tenha contribuído muito para o isolamento do indivíduo, a falta de responsabilidade socioambiental, o consumismo e a desconexão com a realidade: a ilusão de um sonho capitalista, em que o lixo desaparece, os animais explorados são felizes e ninguém passa fome, pois as prateleiras do mercado estão sempre cheias.

Ao ler "A vida das Árvores" (Wohlleben, 2017), entendi o longo prazo da natureza como cíclico e contínuo; os organismos caminham para um futuro, mesmo que não vivam o suficiente para habitá-lo. O nosso, como seres humanos, para muitos pode terminar ao fim das nossas jornadas individuais, que se resumem, com sorte, a um centenário; tempo de vida segundo o autor de uma árvore ainda jovem (Wohlleben, 2017). Talvez o mais trágico seja que nossos impactos destrutivos no

---

<sup>5</sup> A cultura de massas segundo Edgar Morin (2018) é produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial, propagada pela denominada mídia de massa e destinada à uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classe, valores, etc.). Seu maior objetivo seria efetivar o consumo, independente do paladar, logo, é cosmopolita e eclética. O autor define cultura, em resumo, como constituinte de um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade; estruturam os instintos e orientam as emoções. Desse modo, insere a cultura de massa como possível mecanismo homogeneizante do corpo social em uma escala global.

meio ambiente tenham vida tão longa quanto a de nossas florestas mais antigas. Assim como o autor (Wohlleben, 2017), acredito na capacidade do planeta em se reequilibrar, porém a extinção humana, junto com outras muitas espécies, é uma grande possibilidade.

Dessa forma, mais do que nunca precisamos da responsabilidade ambiental presente em nossa sociedade. Insistimos em nos deslocar da natureza, enquanto fazemos parte dela. Logo, considero crucial que o contato com esta seja desenvolvido a partir da infância, idade em que já se formam muitos hábitos e fagulhas de pensamento que servirão no desenrolar de suas formações. A natureza com seus ritmos e mecanismos tem muito a nos ensinar e, segundo Wohlleben (2017, p. 83): "ainda há muitos segredos por descobrir nas florestas próximas de sua casa."

Uma das coisas mais emocionantes da minha vida: levar meu filho para caminhar ao longo da costa e apenas mostrar a ele as maravilhas da natureza, os detalhes e as complexidades. (...) Ver isso se desenvolver, um forte senso de si mesmo... uma confiança incrível, mas o mais importante: gentileza. E eu acho que é isso que milhares de horas na natureza podem ensinar a uma criança.<sup>6</sup> (FOSTER, 2020. Filme: Professor Polvo, tradução nossa)

Isto posto, no desenvolvimento do produto dessa pesquisa, a natureza surge emaranhada na história e ilustrações, algo que habita "naturalmente" nossas vidas e, assim como já mencionado, importante objeto de curiosidade. Uso a fala recém mencionada de Wohlleben para reafirmar para o leitor que a natureza guarda muitos mistérios; somos todos aventureiros em seus detalhes e, assim como demonstra Craig Foster no filme "Professor Polvo", aprender sobre ela é aprender sobre nós mesmos.

Sobre métodos de escrita, nesse primeiro momento criativo, tive também que escolher que estilo de linguagem seguir na produção da história. Optei então por um estilo mais rítmico e recheado, mesclado ao pausado e reflexivo. Queria aqui que a sonoridade das palavras brincasse com a história, dando em alguns momentos o aspecto musical da poesia. A linguagem escolhida, às vezes um pouco complexa

---

<sup>6</sup> "One of the most exciting things ever in my life: taking my son, walking along the shore and just showing him the wonders of nature, and the details, and the intricacies. (...) To see that develop, a strong sense of himself... an incredible confidence, but the most important thing: a gentleness. And I think that's the thing that thousands of hours in nature can teach a child."

para o linguajar infantil, entra como desafio e relaciona-se, dessa forma, ao mistério. A ideia é que a criança ao ouvir as frases entenda o suficiente para seguir a história, mesmo perdendo o significado completo de alguns termos ou expressões. Caso desperte dúvida, ela pode perguntar a quem declama a história ou então pode ter a curiosa experiência de voltar num livro da infância, anos mais tarde, e descobrir aspectos antes ocultos.

Tal fenômeno da compreensão incompleta pode ocorrer também com aspectos mais subjetivos da história que em seu decorrer varia entre momentos de humor (levemente infame para o divertimento das crianças), pausa, rapidez, reflexão e, por fim, abstração. O livro inicia, então, com temas mais figurativos, encaminhando-se para questões do imaginário menos palpáveis. Tentei traçar, como proposto por Michiko Okano (2013-2014) em sua fala sobre os caminhos, um trajeto gradual entre dois pólos, os quais ambos habitam o universo das ideias.

Por conseguinte, o tom indagador compõe importante elemento na narrativa ao construir caminhos incompletos com respostas parciais. Ao meu ver, a palavra "será", acompanhada por interrogação, apresenta uma interessante propriedade "relativizadora" que pode abrir portas para possibilidades inimagináveis da fantasia. O "será?" não afirma completamente para a criança a existência de aspectos imaginários no mundo, mas também não os nega ou reprime; permite que esta desenvolva a vontade de descobrir então por conta própria ou, talvez, deliciar-se com o mistério da existência ou ausência da magia no dia-a-dia.

Nesse caminhar, o livro mescla imaginação à realidade ao unir aspectos que parecem fantasiosos sobre a natureza à fatos e curiosidades científicas. A abordagem vinculada ao aprendizado, tem como intuito incitar a criança a ver o ambiente de ensino como um espaço dinâmico, recheado de novidades *versus* a imagem bastante repetida em filmes e programas de TV norte americanos<sup>7</sup> de que aprender é essencialmente tedioso. Inclusive, pode ser que em muitos modelos de ensino o seja! A escola que avalia desempenho somente pela capacidade de

---

<sup>7</sup> Coloco aqui programas de TV norte americanos como séries e filmes do gênero *high school* que tornaram-se símbolos da cultura de massa. Estes demonstram o ambiente escolar como marcado majoritariamente por disputas de popularidade, rivalidade feminina e a escola como um lugar onde não é natural ou permitido a todos ter posturas participativas; os jovens dependem de padrões pré definidos por suas diferentes "tribos" para assumir determinadas posturas; logo, encaro o gênero como carregado de representação estereotipada que anula a individualidade da juventude; resume e pressiona os indivíduos a movimentar-se em rebanho.

concentração e memorização do aluno, tornando-o exclusivamente um consumidor, é, segundo Rodari (1982), uma escola morta; e fingir que está viva só retarda sua putrefação.

Mesmo tratando do espaços educativos constatou-se que a característica fundamental de uma escola deveria ser a da sua "transformabilidade", ou seja, da possibilidade de o usuário assumir em seus confrontos uma atitude não mais de aceitação passiva, mas de uma intervenção ativa e criativa sobre seu próprio modo de ser... (*La creatività nell' espressione* apud RODARI, p. 141)

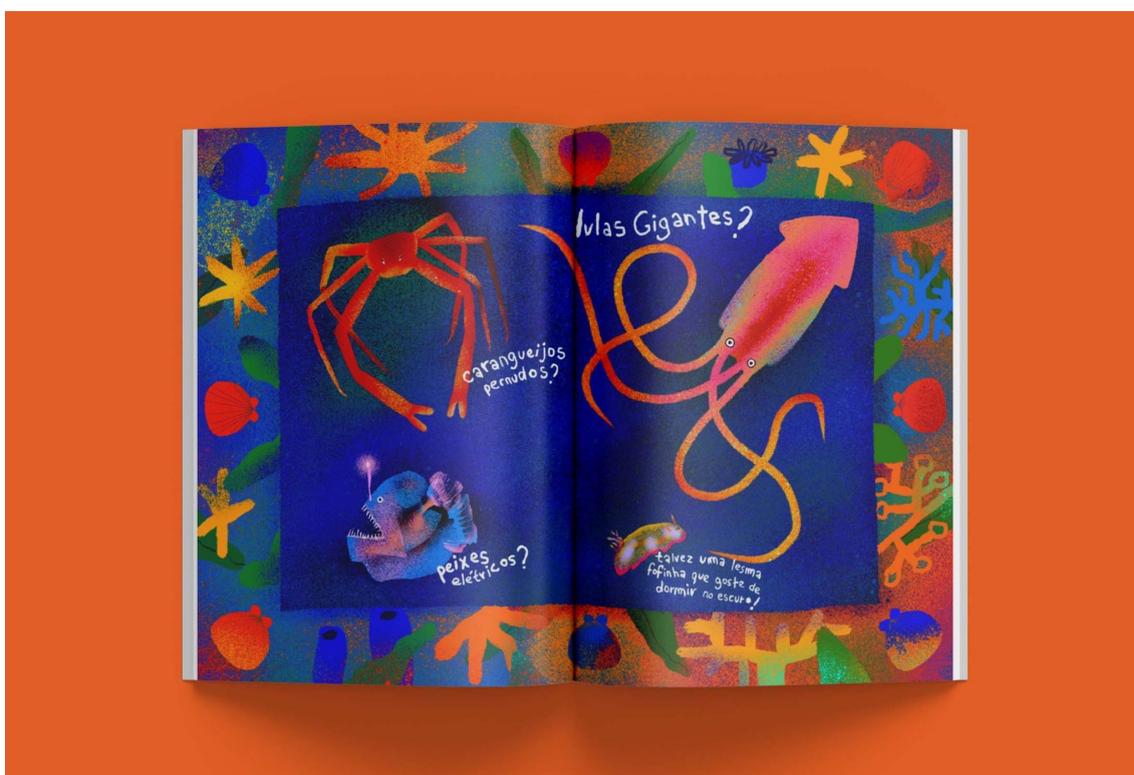


Figura 2 - *Mockup* do livro impresso. Imagem retirada do livro "Misterioso Mistério a Misteriar. Fonte: autora.

O autor (RODARI, 1982) fala de uma escola que, em sua essência, tem uma única matéria: a realidade, abordada de todos os pontos de vista possíveis. Ele afirma que em uma escola desse tipo, a criança não é mais uma "consumidora" de cultura e de valores, mas uma criadora e produtora de valores e de cultura. O aprendizado pode ser uma chave para o empoderamento, autonomia e um mar de possibilidades na vida da criança; logo, instigá-la a manter-se curiosa, atenta e

participativa, mostra-se um importante mecanismo para bem fundamentar sua relação com o conhecimento, a novidade, a complexidade e sua atuação no mundo.

Na narrativa, tais aspectos são acompanhados por um pequeno garoto de cinco anos que descobre com o leitor muitas novidades no seu dia-a-dia. A personagem foi inspirada em meu irmão, de mesma idade, e suas características físicas somente imitam as originais, exceto os cabelos vermelhos que foram inseridos para deixar a cabeça, cheia de pensamentos efervescentes, mais vibrante.

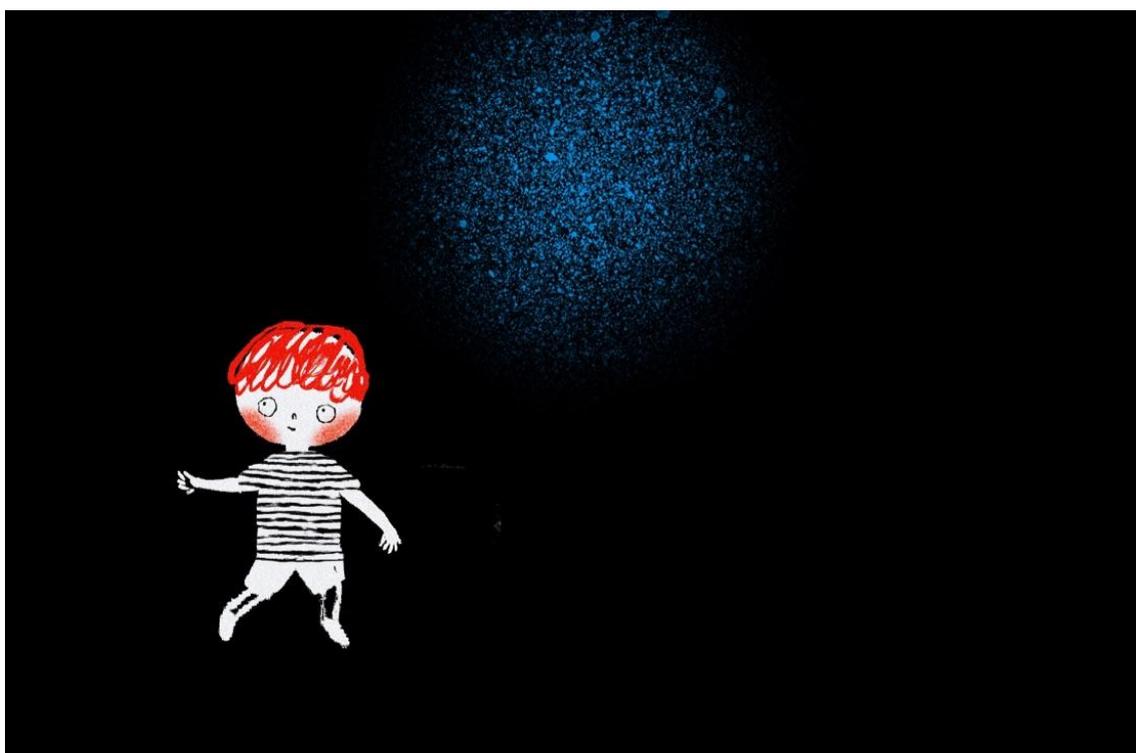


Figura 3 - Personagem principal do livro “Misterioso Mistério a Misteriar”. Fonte: autora.

As peculiaridades da personagem não são mencionadas, somente a observamos interagir com o mundo, tendo sua identidade também como mistério. Uma criança que observa, sonha, cria e se encanta foram as características centrais para a construção das ações da personagem ao longo da história. Esta passeia pelo livro, ora visível, ora oculta nas paisagens e silêncios visuais.

No desfecho, encerro a aventura num tom de autoconhecimento, talvez ainda muito complexo para as crianças, mas ainda assim deixo no ar um convite para elas explorarem também suas paisagens internas; conhecerem suas emoções, gostos, pensamentos, sonhos e vontades. A criança, como menciona Ciornai (2004), precisa

também sentir-se no mundo e, com o tempo, construir sua própria individualidade e saber expressá-la. Desse modo, não pude deixar de incluir, também, um espaço para o leitor se colocar no livro e, mesmo que brevemente, ter coisas que saíram de sua própria cabecinha em um local que não seja uma página solta que em breve se misturará e se perderá entre muitas outras. Pensei na atividade final também como um momento de registro, talvez uma cápsula para uma versão futura ou para outras crianças, que, ao pegarem esse livro já muito passado de mão em mão, conheçam outro miúdo misterioso, a partir de suas ideias coloridas.

## **4.2. O desenho**

O início da construção da narrativa visual começou com uma importante e difícil decisão: eu seguiria uma identidade fechada com paleta de cores mais reduzida e traços bem definidos ou a deixaria em aberto para o processo criativo seguir seu rumo em meio a possibilidades mais amplas? Ao refletir sobre o mistério como fator intrínseco ao livro, a imprevisibilidade visual me pareceu um caminho mais interessante para o leitor e para a criação das imagens; a dúvida sobre o que virá nas páginas a seguir e a surpresa de uma paisagem completamente nova são elementos que casam bem com a proposta conceitual do trabalho.

A imprevisibilidade visual surge também da vontade de criar, além de uma narrativa, um carrossel de imagens: um local diverso, em que a criança sustenta a sensação de encontrar novos detalhes antes não percebidos toda vez que voltar sua atenção para o livro. Me recordo de, na infância, me deliciar ao lembrar de todos os livros com lindas imagens que tinha na prateleira. Aquele mar de detalhes e imagens variadas me despertava a impressão de um mundo inteiro dentro do pequeno quarto.

Desse modo, as ilustrações alternam exuberância e simplicidade, sendo as primeiras chamativas, com alta riqueza de detalhes, porém, estes, não necessariamente figurativos. Os detalhes surgem ora em desenhos concretos, ora em texturas abstratas em que não há muito para se identificar; talvez, somente permitir que as cores e formas provoquem sensações e que a imaginação de quem lê complete os traços erráticos com informações subjetivas.

Apesar do detalhamento nem sempre tão figurativo, as ilustrações são compostas majoritariamente por formas concretas, nas quais a criança consegue identificar minimamente os elementos discutidos, mesmo que inseridos em uma atmosfera fantasiosa. Proponho aqui, assim como na mescla entre curiosidades científicas à imaginação, a realidade misturada à fantasia.

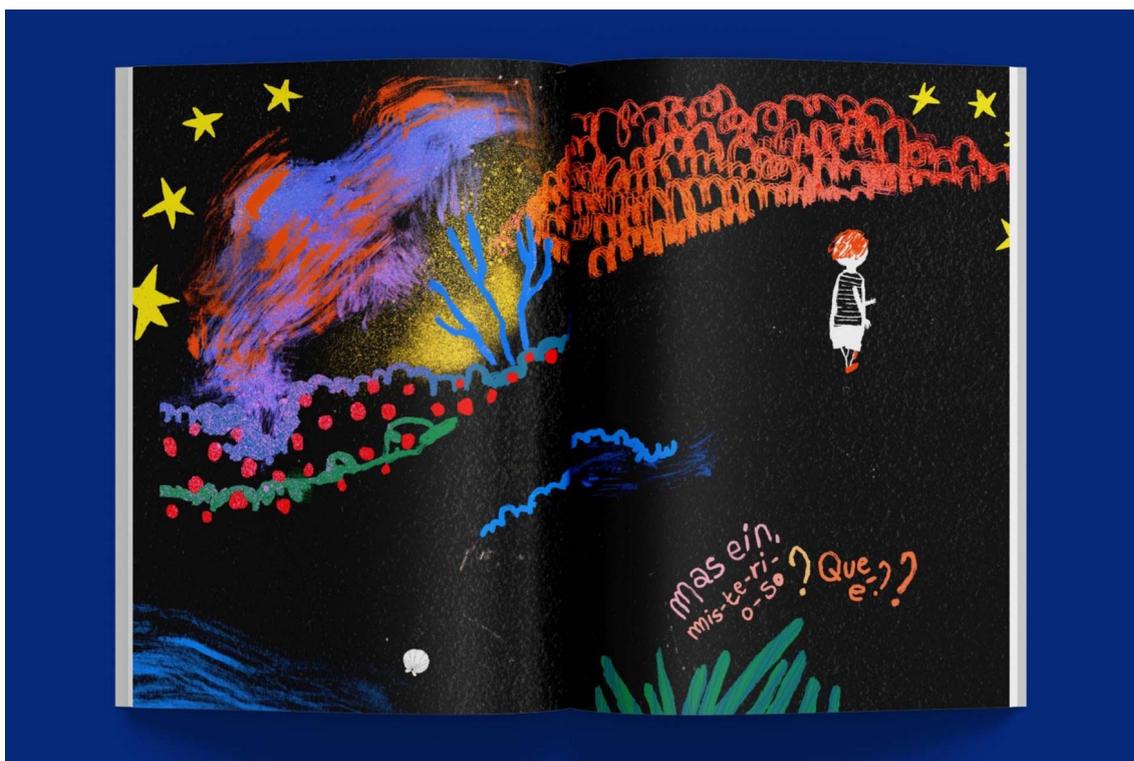


Figura 4 - *Mockup* do livro impresso. Paisagem do livro "Misterioso Mistério a Misteriar". Fonte: autora.

A maioria dos desenhos foi feita de forma híbrida: parcialmente à mão e finalizada digitalmente. A manualidade e o contato com os materiais e suas texturas compõem meu trabalho como ilustradora há alguns anos. Acredito na textura como manifestação da materialidade; os padrões praticamente não replicáveis dão ao meu ver um toque único e subjetivo ao trabalho, fazendo dele um pouco mais palpável em superfícies lisas tais como telas e papel. Dessa forma, a textura física e digital foi inserida também com o intuito de oferecer um índice sensorial a mais das figuras e materiais diversos; tanto os representados, quanto os utilizados na criação dos desenhos.



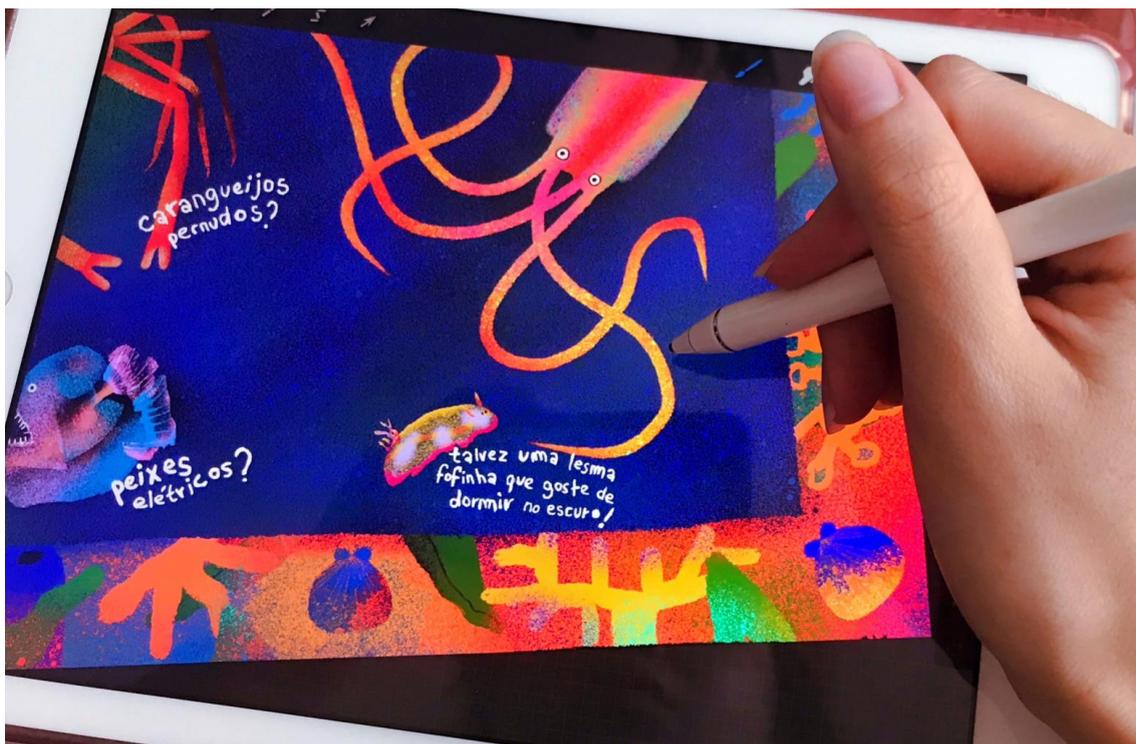


Figura 7 - Pintura digital. Fonte: autora.

*Materiais utilizados para trabalhos físicos:*

- Lápis de cor;
- Pastel oleoso;
- Pastel seco;
- Tinta acrílica;
- Papéis diversos;
- Marcadores.

*Materiais utilizados para finalização digital:*

- iPad;
- Caneta para tablet;
- Scanner;
- Notebook;
- Aplicativo Procreate;
- Aplicativo Adobe Photoshop;
- Aplicativo Adobe InDesign.



Figura 8 - *Mockup* livro impresso. Imagem retirada do livro "Misterioso Mistério a Misteriar. Exemplo de aplicação 1 da "Névoa empoeirada". Fonte: autora.



Figura 9 - Imagem retirada do livro "Misterioso Mistério a Misteriar. Exemplo de aplicação 2 da "Névoa empoeirada". Fonte: autora.

A névoa em formato de poeira foi um recurso visual bastante utilizado ao longo da história. Tal textura compôs as ilustrações de duas formas: como um brilho misterioso e inebriante que transforma um objeto em um artefato mágico; ou uma poeira amorfa que revela e oculta ao mesmo tempo. Esta me pareceu um interessante elemento para costurar visualmente o livro, mesmo que não usado em todos os momentos. Tal efeito foi construído a partir da base de pincéis própria do *Procreate* e, fisicamente, com pastel seco. As cores vibrantes e texturas preenchem boa parte das paisagens do livro, porém um dos pontos de maior destaque é também sua ausência ou mescla com o preto.

Ao observar em retrospecto minha relação com o preto, encontrei neste a possibilidade do oculto e a sensação de mistério; a figura talvez universal da sombra. Em minha pesquisa, recorri ao livro "A psicologia das cores" de Eva Heller para buscar fundamentação teórica do que representa a cor supracitada e me vi bastante insatisfeita com as conotações extremamente negativas relacionadas a ela. Heller, por realizar seus estudos sobre psicologia da cor especificamente na Alemanha, talvez possa nos oferecer uma visão bastante limitada do tema. Em seu livro, o preto é majoritariamente conectado a aspectos ruins como o mau, a sujeira, o ódio, a ilegalidade e o azar. Um curtíssimo trecho insere o preto como mistério, mas boa parte dele discute avidamente satanismo e magia negra, práticas religiosas que são vistas socialmente, em especial pela vasta comunidade cristã, como maléficas ou ruins. Sou uma boa leitora de Kandinsky, mas me impressionei negativamente com sua citação no livro de Heller: "Como um nada sem possibilidades, como um nada morto, após a extinção do Sol, como um eterno calar, sem futuro e sem esperança: assim soa interiormente o preto" (KANDINSKY apud HELLER. 2013, p. 129).

Tais implicações do preto são exatamente o oposto do que é apresentado no livro. Neste, o preto assume tom de escuridão, alinhando-se à beleza no obscuro tão apreciado na estética tradicional japonesa; por fim, encontrei em Vittorio Storaro todas as palavras que traduzem sua significação filosófica na história:

A Sombra, no sentido de Escuridão, está no início de tudo junto com a própria Luz, pois é gerada por esta como seu oposto e um de seus componentes. Tem uma natureza misteriosa, o poder de obscurecer, e sempre simbolizou tudo o que faz parte do INCONSCIENTE do homem. Nosso eu mais profundo está espelhado na Sombra, na qual se reconhece uma parte de si mesmo, observando, fascinado, o mistério que carrega consigo e contém dentro de si. Quanto mais intensa e nítida for a Energia vibrante com emoções, como a LUZ visível, mais profunda e densa será a SOMBRA. Sua própria existência denota sua relação com a MATÉRIA. Quando a sombra é tornada mais clara por partes do espectro de cores, ela assume uma cor própria; é banhada por reflexos cromáticos que a tornam particularmente vibrante. Nas várias formas de expressão figurativa, Sombra sempre foi usada para representar os dramas, ansiedades e enigmas do HOMEM. Ela marca a passagem do TEMPO seguindo o caminho dos corpos celestes e mudando constantemente sua FORMA. Ela retira-se timidamente com o dia, o SOL, a luz atinge seu zênite, então se alonga com a aproximação do anoitecer, da lua, e das trevas, nas quais perde si mesma toda noite. Então, espera com confiança um novo amanhecer, para avivar, dissolver e iluminar tudo. A sombra nos permite seguir constantemente nosso instinto de sobrevivência, permitindo-nos esconder em suas profundezas, a parte de nossa natureza que não estamos preparados para reconhecer como se, pelo menos naquele momento particular, ela não fosse parte de Nós, mas que, talvez em momentos mais maduros, tentaremos lançar luz, saber, aceitar. Isso nos estimula a seguir continuamente o caminho em direção à Iluminação, EVOLUÇÃO.<sup>8</sup> (STORARO. 2002, p. 12, tradução nossa.)

Assim como menciona Storaro, a sombra misturada à cor tende a produzir um efeito vibrante; no livro, funciona como um artifício para destacar a relação entre o mágico e o misterioso, no qual o preto em seus tons profundos indica caminhos fantásticos, imaginários, físicos e interiores ainda ocultos. Por conseguinte, o uso das paletas de cores recheadas e exuberantes teve como intuito a criação de atmosferas, mágicas, ricas e eletrizantes, seguindo a mesma proposta da utilização dos detalhes e texturas. Como a mensagem a ser transmitida era a de um mundo

---

<sup>8</sup> Shadow, in the sense of Darkness, is at the beginning of everything together with Light itself, since it is generated by the latter as its opposite and one of its components. It has a mysterious nature, the power to obscure, and has always symbolized everything that is part of man's UNCONSCIOUS. Our most profound self is mirrored in Shadow, in which it recognizes a part of itself, observing, fascinated, the mystery it carries with it, and contains within. The more intense and sharp the Energy vibrant with emotions, such as visible LIGHT, the deeper and denser the SHADOW. Its very existence denotes its relationship with MATTER. When Shadow is made lighter by portions of the color spectrum, it takes on a Color of its own; it is bathed in chromatic reflections that make it particularly vibrant. In the various forms of figurative expression, Shadow has always been used to visualize the dramas, anxieties, and enigmas of MAN. It marks the passing of TIME by following the path of the celestial bodies, and constantly changing its FORM. It timidly withdraws at the day, the SUN, THE light reaches its zenith, then lengthens at the approach of Evening, the Moon, and Darkness, in which it loses itself every Night. Then it waits confidently for the new Dawn to follow on its turn, to brighten, dissolve, and illuminate it. Shadow permits us to constantly follow our survival instinct by letting us hide in its depths, the part of our nature we are not prepared to acknowledge as if, at least at that particular time, it were not part of Us, but which, perhaps in more mature moments, we will attempt to shed light on, to know, to accept. It spurs us to continually follow the path toward Illumination, EVOLUTION.

cheio de mistérios, o impressionismo a partir das cores pareceu uma possível ferramenta para demonstrar a fartura de detalhes no mundo. O uso de diversas paletas de cor ao longo do livro vem da vontade de fazer destas intercambiáveis; na nossa imaginação, as coisas podem ter a cor que bem entendermos. Proponho aqui então que não só a monocromia, por sua incompletude de informações, pode ser um mecanismo para a imaginação, mas também as combinações ousadas por provocarem um possível sentimento de experimentação; do não usual, do não conformado, do fantástico.

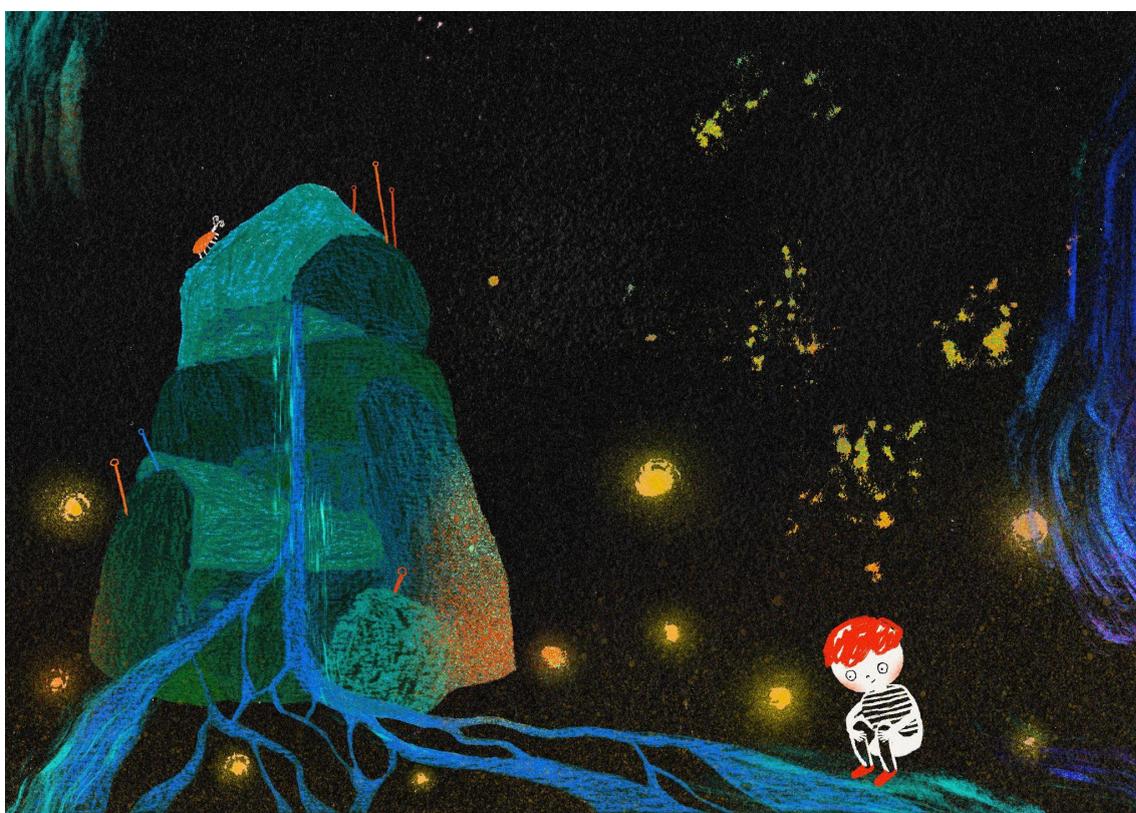


Figura 10 - "A nascente", imagem retirada do livro "Misterioso Mistério a Misteriar". Fonte: autora.

Na história, as cores, diagramação e ilustrações delimitam drasticamente o fluxo rítmico de informações. Optei por segmentar bastante a narrativa e aumentar o número de páginas para enfatizar a prática reflexiva no decorrer do livro. Okano (2013-2014) coloca o intervalo como possibilidade para o futuro e essencial para a meditação sobre o que é observado no mundo. Dessa forma as pausas visuais inserem-se como momentos de absorção e ponderação: o contraste entre o cheio e vazio; fluxo esse que possibilita a movimentação das coisas.

As ilustrações como recursos interdependentes fazem com que cada segmento da história funcione também a partir de seu próprio universo, ou seja, cada imagem mesmo apresentada individualmente poderia levar a uma série de reflexões que culminem até na ramificações de novas histórias. Tal aspecto é acentuado pela não justificativa de todos os elementos apresentados em cena. A primeira paisagem, por exemplo, que representa o local onde vive o bicho misterioso, é repleta de coelhinhos. Não é explicado ao leitor o motivo para tal aparição, sendo o intuito do desafio, pela estranheza e provocação, fazer com que aquele comece a buscar suas próprias respostas frente os mistérios do livro.



Figura 11 - *Mockup* livro impresso. "Mundo dos coelhinhos", imagem retirada do livro "Misterioso Mistério a Misteriar" Fonte: autora.

A construção visual e conceitual da protagonista da história, como já mencionado, baseou-se numa figura original já estabelecida, no caso, a do meu irmão de cinco anos; porém a escolha de traços, cores e peculiaridades ainda rendem uma discussão. Os grandes olhos, talvez esbugalhados, da protagonista, representam o maravilhamento da criança ao presenciar um mundo de acontecimentos; o interesse, surpresa e curiosidade são alguns dos cernes de seu

desenvolvimento. As listras em sua camiseta foram inseridas como elemento de textura para melhor compor as ilustrações e fundir a personagem ao fundo; as experimentações com formas preenchidas davam um tom muito chapado e talvez enrijecido à personagem. Sobre a seleção de cores desta, casar uma personagem colorida à diferentes paletas que mudavam constantemente tornou-se um desafio, desse modo, optei pelo minimalismo e me inspirei na xilogravura, que, em poucas cores, cria movimento pelo contraste: pela mescla entre espaços vazios e preenchidos, delineados e blocados, para construir a figura final do menino. Além desse fator, queria que este se destacasse dos fundos para que, também, virasse um ponto de curiosidade na história; ele está numa posição de destaque, porém muito pouco é revelado sobre ele; o conhecemos a partir de suas falas, ações e elementos da vida cotidiana. Por conseguinte, escolhi uma das cores menos usada em grandes blocos de informação ao longo da história: o branco; que além de fazer a personagem saltar das ilustrações, casou muito bem com todas as paletas diversas.



Figura 12 - Detalhe da personagem. Imagem retirada do livro "Misterioso Mistério a Misteriar". Fonte: autora.



Figura 13 - *Mockup* livro impresso. Ilustração "Caminhos internos" retirada do livro "Misterioso Mistério a Misteriar". Fonte: autora.

As escolhas referentes ao desenho tipográfico conectam-se à proposta de utilizar o tom de aprendizado na escrita da história. Os grafismos disformes e desalinhados conversam com a caligrafia da criança no processo de alfabetização, aspecto que pode fazer com que o leitor consiga se identificar no livro e até mesmo pensar que também pode sentar e só escrever uma história. A criança sem contato prévio com a escrita em dispositivos digitais, pode não conseguir traçar com clareza de onde vêm essas letras tão "perfeitas"; como são tão retas e idênticas? Esse fator distancia a criança da manufatura da história, a qual o processo muitas vezes não é explicado. Elementos que se apresentam à criança de maneira mais próxima à sua realidade oferecem a possibilidade da criança se enxergar como potência: "Eu consigo fazer isso. Eu sei como fazer isso. Eu posso ocupar esse lugar. Eu posso me expressar. Eu sei como me expressar. Minhas ideias são importantes". Por fim, optei pelo texto manual com o intuito de colocar também mais subjetividade gráfica nas palavras: para quê um computador quando se pode ter indícios de uma pessoa?



Figura 14 - Exemplo de aplicação tipográfica. Imagem retirada do livro "Misterioso Mistério a Misteriar". Fonte: autora.

No desfecho da história, as últimas páginas do livro inserem uma temática mais introspectiva sobre o mistério e a linguagem visual acompanha tal deixa firmando-se mais minimalista e monocromática. Durante toda a trajetória da narrativa mesclei o silêncio com a exuberância e, dessa vez, não queria que fosse diferente, entretanto o silêncio da história é acompanhado instantaneamente por uma pequena atividade em desenho, escrita, ou o que mais a criança quiser inserir no livro, sem ser acompanhada por uma ilustração final. Fiz essa escolha tendo em vista a proposta de que o livro termine com o leitor como escritor; ao executar a atividade, sempre que o livro for folheado novamente, a última ilustração da história será a do universo particular da criança; seus próprios mistérios e ideias: um índice de seu imaginário em cores e formas. Cada exemplar se mostrará único e recheado de novos enigmas!



Figura 15 - Desenho feito por meu irmão de cinco anos, Rafael. Fonte: autora.

Por fim, a articulação da capa se deu a partir da escolha um pouco ousada de não trabalhar com títulos. Queria nela uma imagem vibrante, porém não tão figurativa se observada de longe. A ideia é que o contato com o livro também seja carregado de mistério. A frente deste é marcado por um jardim de texturas e ao virá-lo, o curioso se depara com um escuro portal; que talvez leve para um jardim secreto. Somente ao abrir o livro, o leitor se depara com o título "Misterioso Mistério a Misteriar" e, a partir daí, começa a descoberta de seu interior. Inicialmente, havia pensado em inserir o portal sombrio na capa, porém, no decorrer do desenvolvimento do produto, achei curiosa a ideia de o leitor, ao tatear a cerca viva e inspecionar o objeto, ir encontrando pistas e se guiar pela curiosidade para desvendar também a história.

O título do livro se articulou a partir da escolha de explorar metalinguisticamente o mistério na história e, como fazem as crianças, inventar palavras derivativas, opções deformadas, tanto pela graça quanto pela utilidade.

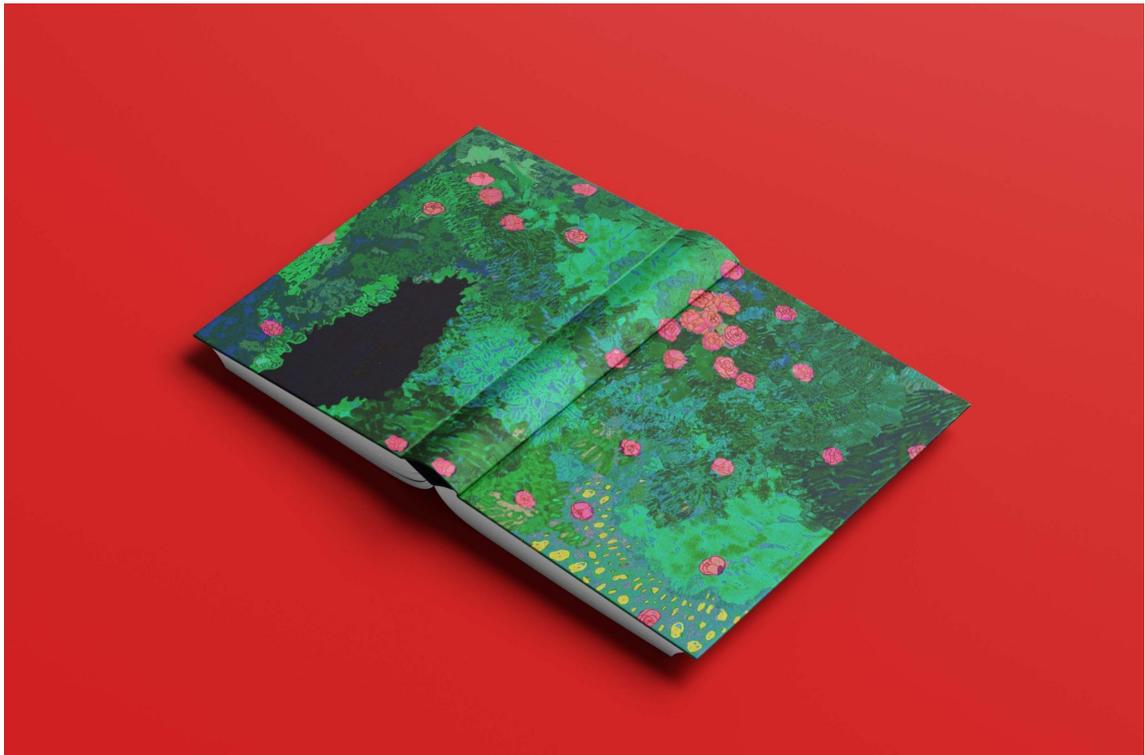


Figura 16 - *Mockup* livro capa dura. Capa e verso. Fonte: autora.



Figura 17 - *Mockup* livro impresso. Capa falsa. Fonte: autora.

## 5. Considerações finais

Tendo em vista o resultado final do projeto, acredito que algumas das maiores limitações advindas de condições externas foram: a de tempo pelo semestre em calendário reduzido, sobrecarga de tarefas e redução da produtividade num cenário de pandemia da Covid-19; considerando dificuldades orçamentárias, não foi possível imprimir o material e, pensando em próximos passos, acredito que o arquivo final precisa de um processo de arte finalização para estar devidamente pronto para ser impresso. Nesse sentido, escolhas finais em relação a papéis e gramaturas também devem ser feitas, porém, por dependerem também de orçamento, ficam para uma próxima etapa do livro, que seria sua devida implementação. Pela impossibilidade de impressão, apresento o livro à banca num formato *online* estilo *flipbook*, para que o exercício de virar as páginas não se perca por completo. Dentro dessas limitações, acredito que o principal objetivo, que resume-se a construção do livro e sua apresentação, concluiu-se nesse primeiro momento de trabalho de conclusão: um material promissor, ainda bruto, mas que se lapidado, pode desenvolver-se ainda mais.

No futuro, penso em explorar mais algumas ideias e vontades que surgiram durante a construção da história: talvez mais algumas poucas ilustrações, pausas e atividades para as crianças. Algo que queria muito fazer desde o princípio era uma pequena enciclopédia para os curiosos ao final do livro: atividades, piadas, curiosidades sobre elementos da história, enigmas, etc. Planejo também em estágios futuros experimentar o contato com editoras ou a publicação independente.

No desenrolar desta pesquisa, ler e estudar sobre a educação infantil e seu papel como ferramenta de transformação social muito me ajudaram a aprofundar meu entendimento sobre como enxergo a pesquisa e a academia: um espaço de livre circulação, no qual o constante e inspirado debate nos leva sempre a novos caminhos; caminhos estes que podem atingir e tocar a vida de muitas pessoas para além das paredes da universidade.

Em todas as etapas do processo de formação do indivíduo, a intervenção criativa é necessária para que continuemos caminhando para onde aponta a necessidade dos envolvidos. Ao ler Rodari (1920), entendi na fantasia uma

possibilidade que há tempos buscava, possibilidade esta que tanto me encantou na infância ao mergulhar nos livros de fantasia: desenvolver novas formas de observar, interpretar e interagir com o mundo. Li certa vez em uma entrevista, que infelizmente nunca mais encontrei, a seguinte frase: "Não existe nada mais forte no mundo do que uma criança lendo um livro de ficção". Já não sei mais quem proferiu essa sentença que provavelmente vai me assombrar uma vida inteira, mas acredito fervorosamente nela. A fantasia permite o teletransporte, a imaginação de universos inteiros em pensamento, o desenvolvimento de sonhos, aprofundamento de trilhas internas e a possibilidade de experienciar emoções antes inimagináveis. O exercício introspectivo da leitura pode, talvez como as muitas horas na natureza de Craig Foster (2020), ensinar as crianças a aguçar sua sensibilidade.

De qualquer maneira, estimular as crianças positivamente numa era de ansiedade digital tornou-se um desafio. Os *videogames* foram e são uma preocupação social na formação das crianças quando utilizam de mecanismos viciantes e alienantes, entretanto, o problema tornou-se, ao meu ver, muito mais delicado com a chegada dos celulares como extensão de nossos corpos, em especial, por causa das redes sociais. Estas últimas, além de disporem de várias ferramentas que promovem o vício, geram também um efeito de constante comparação entre os jovens e um aumento da imposição de padrões sociais; mesmo que estes mudem para cada público alvo.

Neste momento, marcado pela expectativa da instantaneidade, talvez a desaceleração seja uma resposta e o contato com a natureza e o mundo palpável uma solução; em especial, quando pensamos em indivíduos em formação que, além de estarem em fase de aprendizado, ainda estão vivendo importantes desenvolvimentos neurológicos.

O mistério, um dos principais objetos de estudo dessa pesquisa, como discutido, provoca, instiga e desafia quem o sente; faz arregalar os olhos de excitação e faz nascer borboletas na barriga de quem muito quer saber. Desperta então a curiosidade pela experiência, a sede pelo conhecimento. "Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino." (FREIRE. 1996, p. 85).

Dessa forma, coloco, por fim, este texto e o produto nele desenvolvido como um convite à curiosidade e ao mistério como uma forma de interação com o mundo

que nos cerca. Caso não saiba por onde começar, sugiro uma pequena ida até a área verde mais próxima (serve na verdade qualquer paisagem natural). Lá, sente e observe. Anote o que lhe chamou atenção e faça pequenas pesquisas sobre. Esses dias, adorei descobrir porque besouros rodam em círculos eternos.

Germes da imaginação criativa, reforça Vygotski, manifestam-se nas brincadeiras dos animais: assim, manifestam-se ainda mais na vida infantil. A brincadeira, o jogo, não é uma simples recordação de impressões vividas; mas uma reelaboração criativa delas, um processo pelo qual a criança combina entre si os dados da experiência no sentido de construir uma nova realidade, correspondente às suas curiosidades e necessidades. Todavia, exatamente porque a imaginação trabalha apenas com materiais colhidos na realidade (e por isso pode ser maior no adulto), é preciso que a criança, para nutrir sua imaginação e aplicá-la em atividades adequadas que lhe reforçam as estruturas e alongam os horizontes, possa crescer em ambiente rico de impulsos e estímulos em, em todas as direções. (RODARI. 1920, p. 163)

## 6. Referências bibliográficas

BYUNG-CHUL, Han. **A Salvação do Belo**. [s. l.]: Editora Vozes. 2019.

CIORNAI, Selma. **Percursos em arteterapia, arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. [s. l.]: Summus Editorial. 2004.

DICIONÁRIO MICHAELIS. **Significado da palavra “mistério”**. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/misterio/>>. Acesso em: 3 de out. de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2012.

KEENE, Donald. **Japanese Aesthetics: Philosophy East and West**, vol. 19, no. 3. 1969, pp. 293–306. JSTOR, Disponível em: <[www.jstor.org/stable/1397586/](http://www.jstor.org/stable/1397586/)>. Acesso em: 31 out. de 2020.

LAWSON, Jerry M. **A Look at Albert Einstein 's My Credo**. 2020. Disponível em: <<https://medium.com/design-and-tech-co/a-look-at-albert-einsteins-my-credo-7f5d48dab619/>>. Acesso em: 3 de out. de 2021.

MATOS, Ana. MALHÃO, Diana. **Luz e Sombra em Mensagem de Fernando Pessoa**. Revista Júnior de Investigação - vol. 1. 2012.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX - O Espírito do Tempo - Neurose e Necrose**. Forense Universitária. 2018.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

OKANO, Michiko. **Ma - A Estética do “Entre”**. Edição 100. São Paulo: Revista USP, 2013-2014.

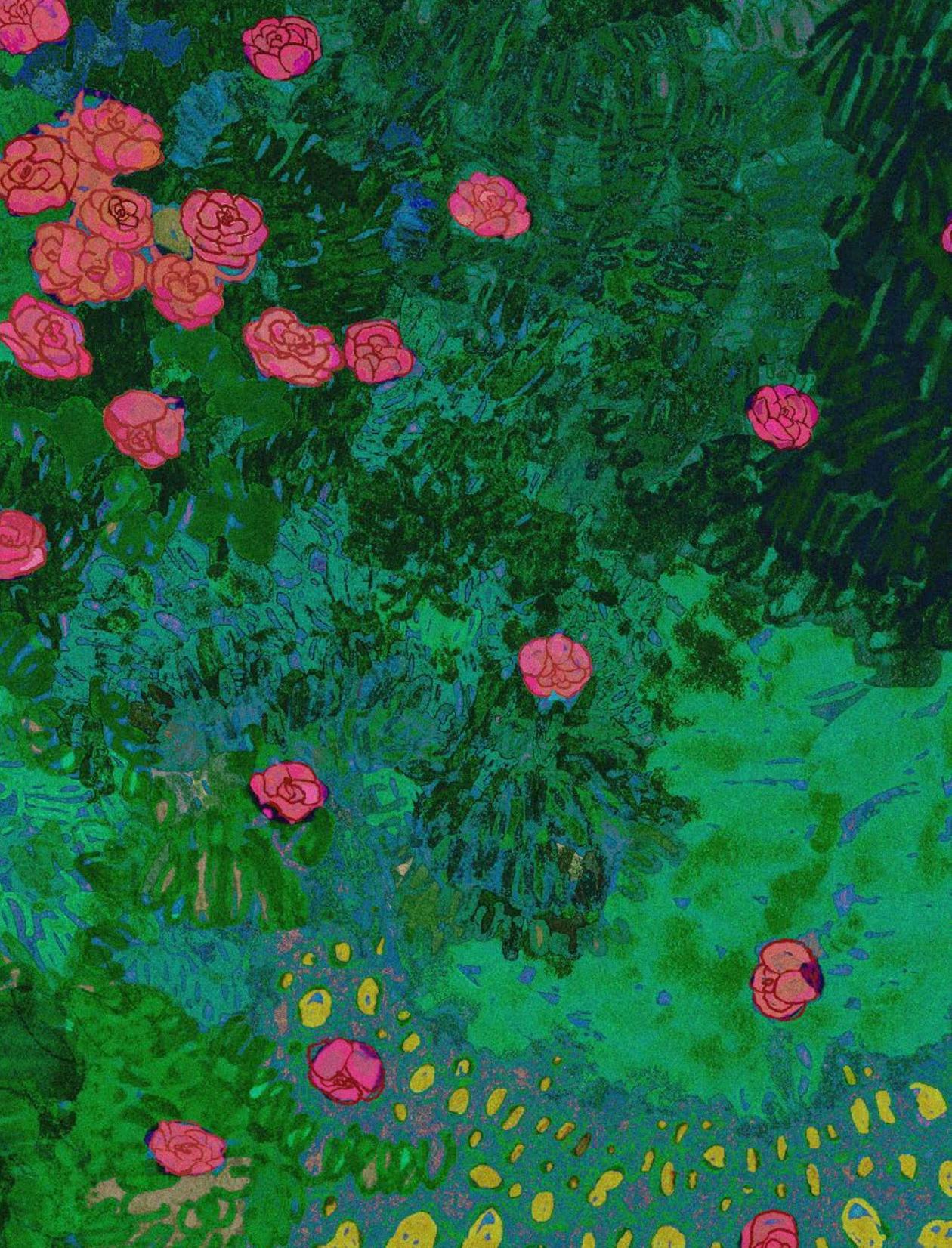
PROFESSOR Polvo. Direção: Pippa Ehrlich; James Reed. Produção: Roger Horrocks. Local: Netflix. 2020.

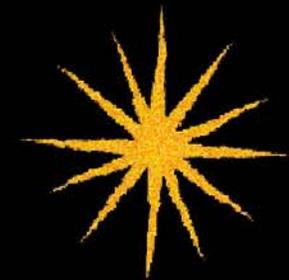
RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus. 1982.

SAITO, Ayana. **Fotografias, ilustrações e mockups do livro “Misterioso Mistério a Misteriar”**. 2021. 16 imagens.

STORARO, Vittorio. **Writing with Light: The Light**. Nova Iorque: Aperture, 2002.

WILKS, Timothy et al. ***Developmental Milestones: Cognitive Development.***  
*Pediatrics in Review*, Volume 31, Exemplar 9, 364–367, Setembro, 2010.





misterioso  
mistério  
a miste-  
riar.

Para Rubens e Rafael.

Ao primeiro por nunca  
soltar minha mão.

Ao segundo por me mostrar  
que às vezes é melhor  
entrar pela janela: só  
porque é mais divertido.

Amo vocês.

Ayana

Brasília, 2021

Mia-

esoo-

te-

ri-

?

Ora...  
o que será  
?



uê,

misterioso é

aquela licho que

ninguém nunca

vira!

Olha o

rabo dele

ali!!!



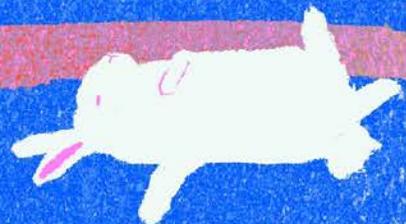
tem corpo de  
tigre!

Cara de  
simpatí-  
tico!



asas de URUBU!

me disseram que ele  
solta pum colorido  
mas ninguém nunca  
viu pra dizer



que cheiro horrível



quem solta um pum?

misteriosa

...

é aquela  
charada que  
minha vó  
me contou



"Está sempre  
na sua frente,  
mas não pode  
ser visto"



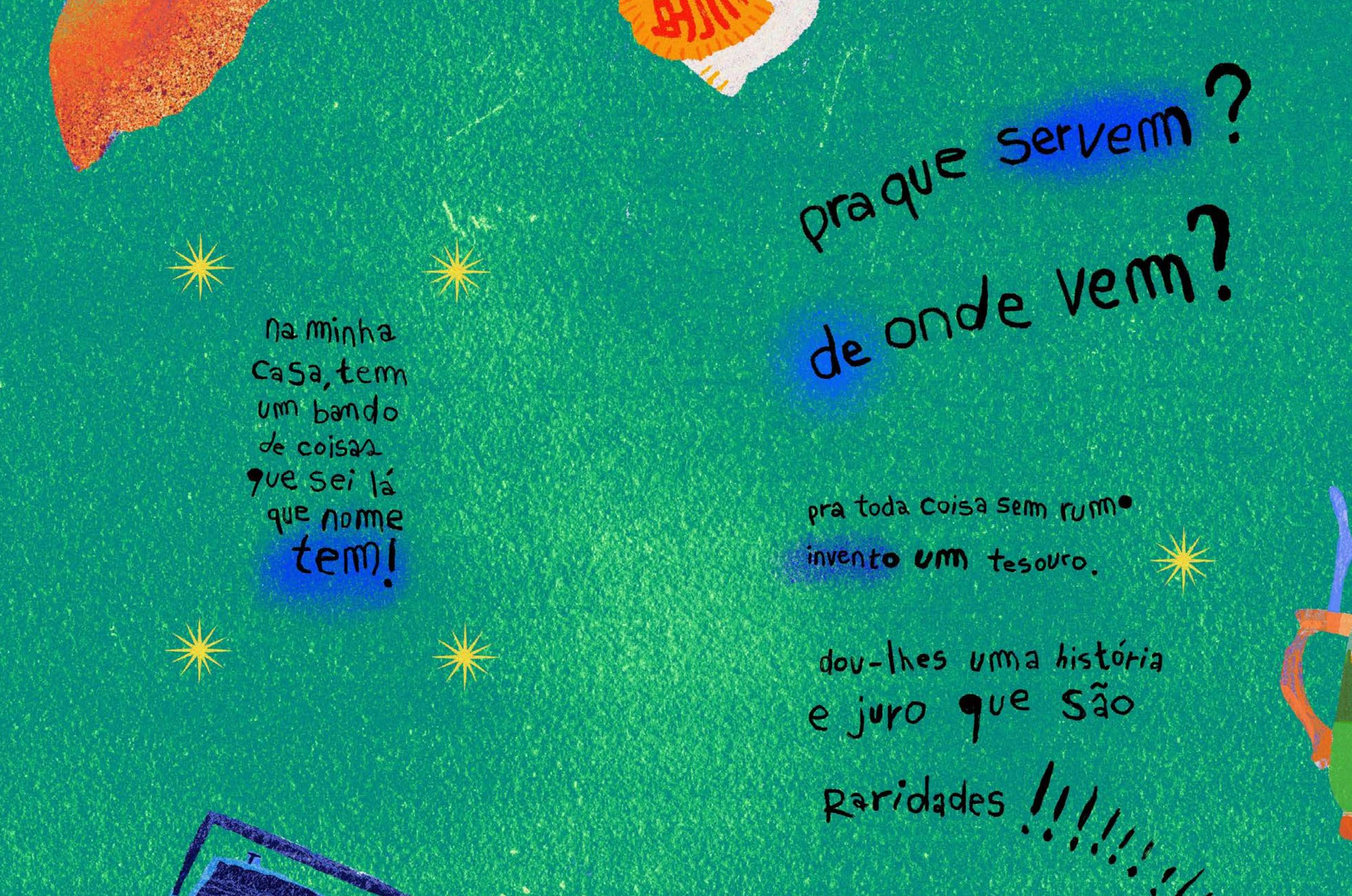
- O que é, querido?  
ela perguntou.

- Ora bolas, que enigma!  
Sei não, Vô!

- Pense mais.  
ela mandou.



Mas ein  
mis-te-ri-  
o-so? Que e!?



pra que servem?  
de onde vem?

na minha  
casa, tem  
um bando  
de coisas  
que sei lá  
que nome  
tem!

pra toda coisa sem rumo  
invento um tesouro.

dou-lhes uma história  
e juro que são

raridades !!!!!!

conchichadora!  
se cochichar nela,  
ela manda sua  
mensagem pra  
qualquer pessoa.

maleta musical  
dá pra ouvir  
música  
de outros  
planetas

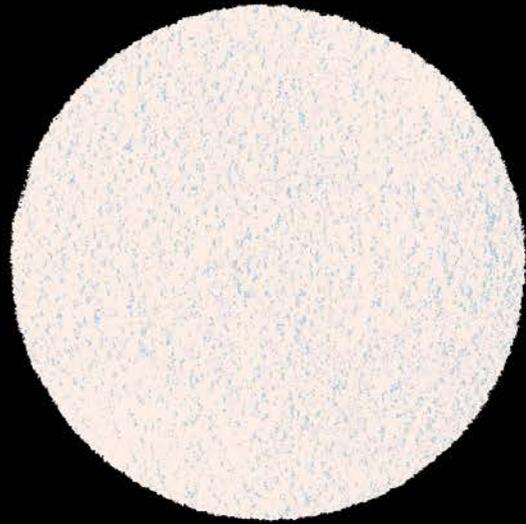


Esse aqui é um  
beberê drôneo!  
te dá suco  
de qualquer  
fruta!

Será que  
de vira de  
verdade se  
eu coçar as  
orelhas?



mistério é o oceano...



↑  
você sabia que a gente  
só conhece esse  
tatinho aqui?

tantão desconhecido



O que será que tem lá embaixo?

# lulas Gigantes?



carangueijos  
pernudos?



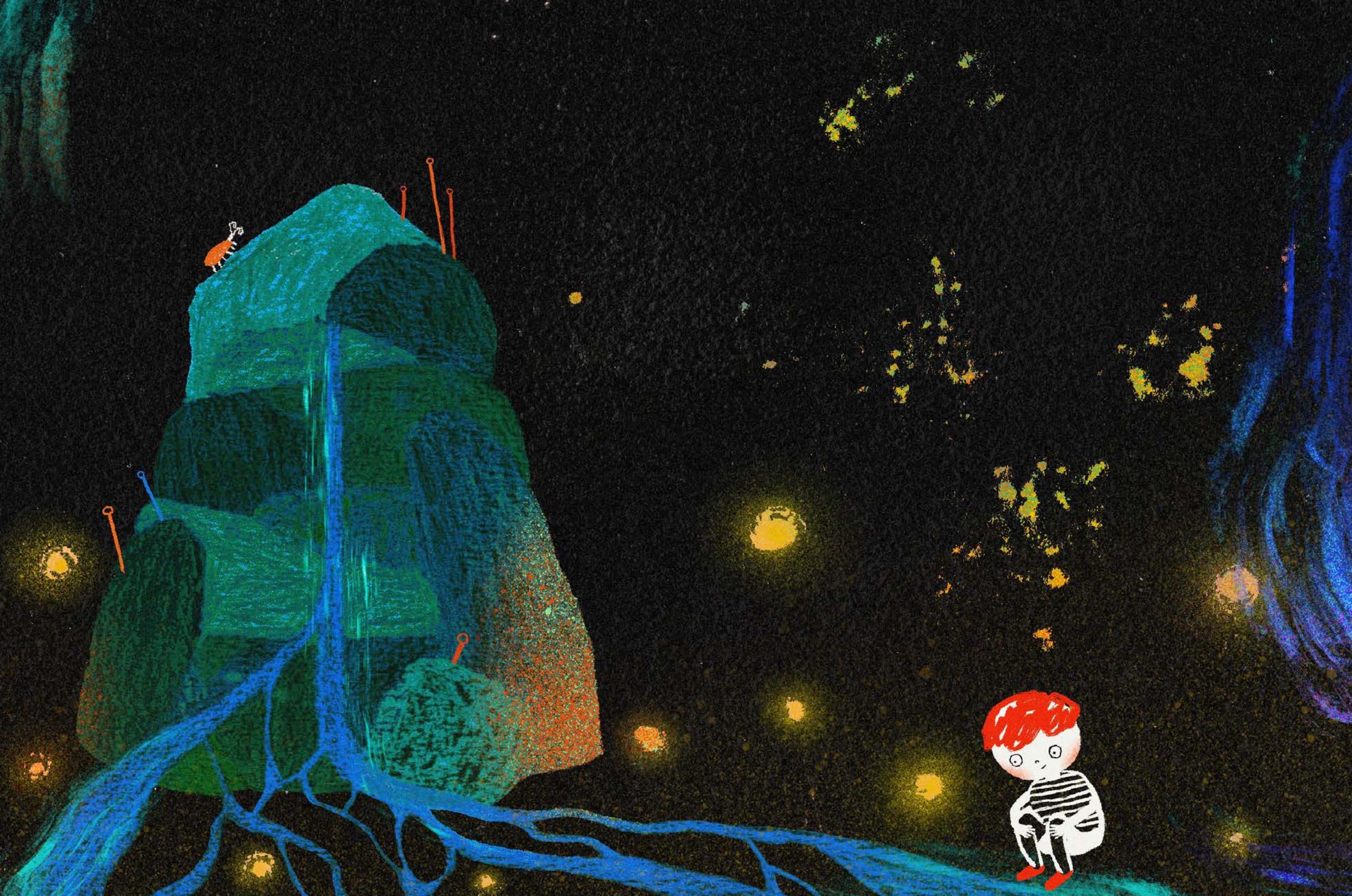
peixes  
elétricos?



talvez uma lesma  
fofinha que goste de  
dormir no escuro!

tem tanta coisa que acontece  
bem debaixo do nosso nariz.





Vou te  
contar

!!!!!!  
.....

Ser criança  
é um  
mistério

!!!!!!  
.....

Cada  
esquina é  
uma  
história



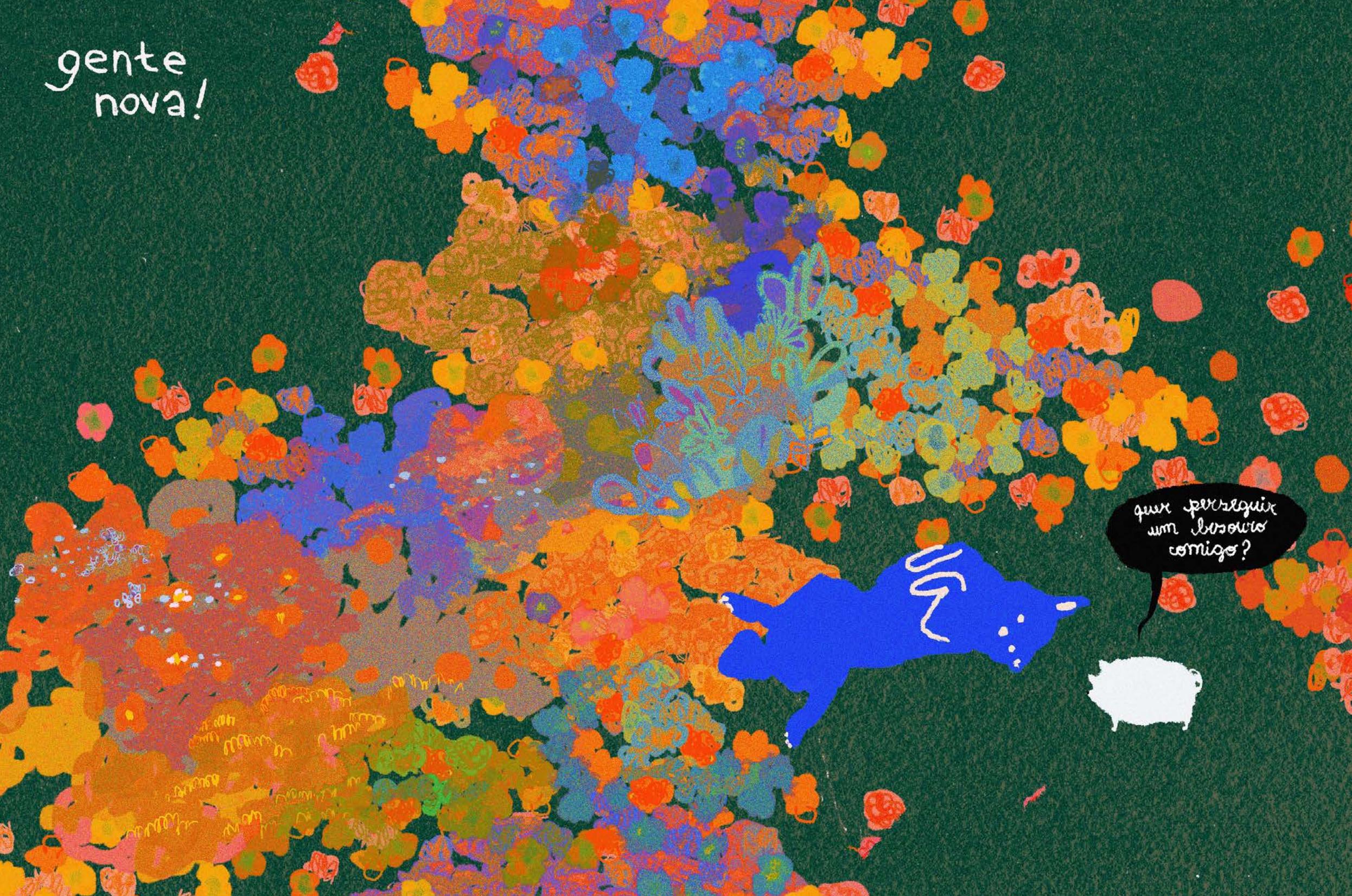


Coisa  
estranha.

que nuvem grandona!

e' uma cumulonimbus!

gente  
nova!



que perseguiu  
um bichinho  
comigo?



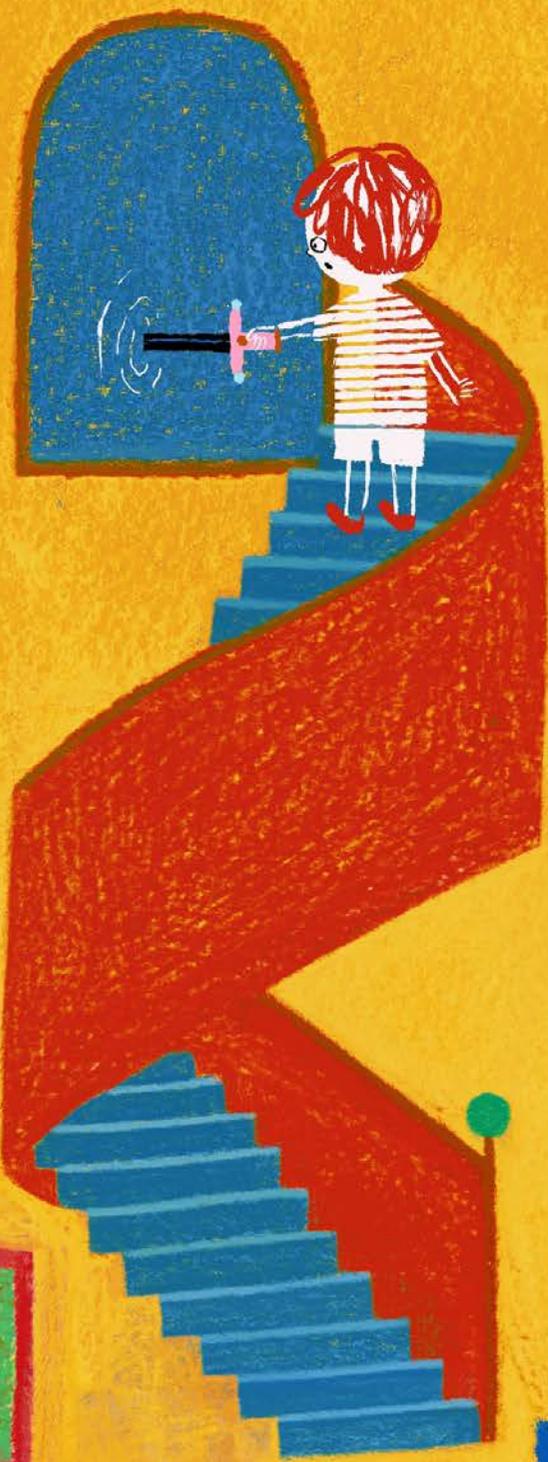
que dias!  
como tenho energia  
para sonhar?

talvez descobrir o que  
é misterioso



seja o próprio mistério

É a gente fique um tempão por aí...



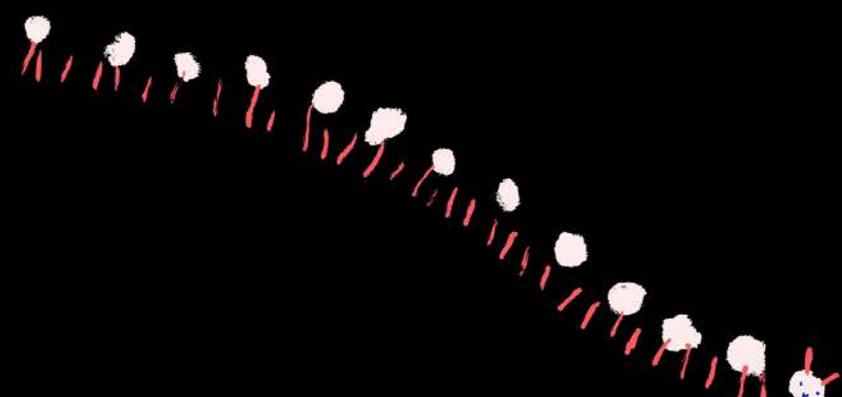
procurando  
por ele...



só pra sentir o frio na barriga de não  
saber que cara tem.

só pra sentir o frio na barriga de não

meu pai me falou  
que um dia a gente vê  
que tem mistérios

por toda parte 

e que um dos  
maiores

vive dentro  
da gente

esperando  
ser descoberto.

Use essas páginas em branco, viajante,  
para registrar alguns sonhos, seus bichos misteriosos,  
ideias malucas, desenhos corajosos.  
Aproveite e invente umas palavras, conte uma piada, charada,  
uma história!



Nossas ideias são mágicas! E estão cheias de mistério.

Ah, e a resposta pra charada da NOVO é:  
o futuro



